

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A representação do corpo: Bandeira de identidade, raça, gênero e  
democracia, na década de sessenta**

Joselina da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Em 1951, surge o Renascença Clube (RJ). Uma de suas grandes inovações foi incluir uma representante sua no desfile de *misses*, do antigo DF, como uma tentativa de positivar a imagem das mulheres negras. Este texto se propõe a discutir a representação racial de democracia brasileira, metaforizada em plenos anos de implantação da ditadura militar. As vitórias consecutivas de Vera Lúcia Couto transformaram-na em bandeira de mestiçagem, produto nacional e de ausência de discriminação racial. Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado realizada no PPCIS / UERJ (2000): “*RENASCENÇA, LUGAR DE NEGROS NO PLURAL: Construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro*”

**Palavras chave:** Etnicidade, identidade racial, afro-brasileiros

**Abstract :** In 1951 emerged the Renascença Club in Rio de Janeiro. One of it's greatest innovations was the inclusion of one of their members in the Beauty Contest from the former capital of country as an attempt to improve Afro Brazilian women image. This paper proposes a discussion addressed towards racial representation of Brazilian democracy transformed in metaphor during the military dictatorship. The consecutive achievements of Vera Lúcia Couto made of her a vivid flag of *mestizaje*, a national product and a symbol of the absence of racial discrimination. This article is part of a Master dissertation concluded at PPCIS / UERJ (2000): “*RENASCENÇA, LUGAR DE NEGROS NO PLURAL: Construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro*”

**Key words:** Ethnicity, racial identity, afro-brazilians

O objetivo deste texto é contribuir com uma reflexão sobre a experiência realizada por um grupo de negros médios na cidade do Rio de Janeiro, que através da criação de um espaço próprio, o Renascença Clube, propôs-se a buscar inserir-se na sociedade. Procuraremos desenvolver um breve estudo sobre este clube, compreendendo-o como um espaço de reelaboração de uma identidade positiva ao longo dos seus quase sessenta anos de atividade. Os concursos de beleza, por ele desenvolvidos, serão alvo de nosso olhar. O Renascença Clube constituiu-se, como veremos no decorrer deste artigo em uma das grandes iniciativas dos negros da cidade ao se organizarem através do lúdico cultural.

Os dados da pesquisa foram obtidos através de entrevistas informais com sócios e freqüentadores, farto material fotográfico, obtido na secretaria do clube, reportagens de jornais e revistas de grande circulação, nas décadas de cinquenta e sessenta. Tive a oportunidade de participar de várias reuniões de diretoria, atividades recreativas e festas

---

<sup>1</sup>Professora Adjunta de Sociologia da Universidade Federal Ceará, campus avançado do Cariri. Dra. em Ciências Sociais (2005) pelo Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

regulares tais como a feijoada do dia treze de maio e as atividades alusivas ao Vinte de Novembro, bem como os pagodes dominicais, no período entre 1997 e 2000. O clube segue hoje com atividades diversas em sua sede, no Bairro do Andaraí, na Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro.

A partir do final da década de quarenta, o cenário nacional foi marcado por grandes mudanças. Um proletariado negro começava a surgir devido à industrialização do país e à entrada para o serviço público. Uma forma de organização constituída a partir do direito ao lazer e ao espaço associativo, tornou possível a criação de clubes sociais negros em diversos pontos do território nacional. Surge, no Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Uma de suas grandes inovações foi inclui uma representante sua no desfile de *misses*, do antigo DF. Os concursos de *misses*, tão populares até a década de sessenta.

### **Renascença, O lugar da memória**

A experiência do clube social para os negros médios, pode ser entendida com uma forma de insurgência contra o *status quo*. O clube era a oportunidade de mostrar à sociedade dos anos cinquenta e sessenta o poder econômico de um grupo de negros emergentes. Os fundadores do clube, por sua vez, almejavam galgar postos na sociedade, antes reservados apenas aos brancos e buscavam competir em iguais termos de condições, no mercado formal e na vida social da cidade. Queriam ser visíveis, ser aceitos, inserirem-se. A educação formal e comportamental era, para o grupo, a grande solução contra o racismo.

O Renascença Clube foi concebido como uma tentativa de inclusão social do negro, nos anos 50. É neste ambiente de organização coletiva dos afro-brasileiros em diferentes pontos do território nacional, após o Estado Novo, que surge esta agremiação. O clube propiciava um espaço de construção da auto-estima dessa classe emergente.

*“O Renascença foi fundado por quatro pessoas: o Dr. Oscar de Paula Assis, a mulher dele, Jandira de Paula Assis, o Domingos Soares e um médico .O Domingos Soares era ourives. O outro negro foi o Dr. Onofre Júlio dos Santo, que depois ficou famoso porque no tempo da TV Rio havia um programa de telecatch. Ele era o médico dos boxeadores. Os três casais, foram a uma boate na Zona Sul. Foram barrados por serem negros. Como eles eram da classe média, ficaram uma fera. E resolveram então, criar um clube para as suas famílias (Sebastião. 70 anos).*

A reação ao preconceito racial vai, então, possibilitar o nascimento, em 17 de

fevereiro de 1951, do Renascença Clube, em uma casa modesta, à rua Pedro de Carvalho, no Méier. Casa de um andar composta por uma saleta e um quintal, sem espaço para uma quadra de esportes (Barbosa, 1983). O clube passa a ser então, um lugar para além do convívio social de sua sede. Amplia seus limites fora dos muros, chega às casas e passa a conviver com a vida de seus membros. A memória do clube acaba sempre entrecortada por memórias individuais da vida dos entrevistados, e esta, com a primeira. Num mesmo momento em que o relato refere-se ao clube, a vida individual e familiar interfere no resgate da memória. Assim, ao falar de si, o Renascença invade os acontecimentos e lá permanece até que a memória individual volta a se apresentar (Halbwachs, 1990).

Além de ser um espaço de lazer, o clube passou a ser um lugar de estímulo à ascensão intelectual e social dos seus freqüentadores, especialmente os jovens. Nesta busca, a educação, entendida como formação educacional e profissional, passava a ser o pilar mestre para a inclusão social. A obtenção de um diploma de nível universitário era entendido como uma das grandes soluções para a mudança da condição em que se encontravam os afro-brasileiros. Na busca da afirmação da ascensão social, o ingresso da Rainha do Clube no Tradicional desfile Miss Distrito Federal em 1959, até então só freqüentado por moças brancas. Desta forma, ser aceito pela sociedade dominante significava reproduzir-lhe os hábitos e costumes. Esta fase, que poderia ser definida a partir da fundação, 1951, até o ápice dos desfiles das *Misses*, durou cerca de dez anos.

### **Um sonho de rainha: A representação dos desfiles**

Ao final da década de cinquenta, uma nova fase começa a ser gestada no Renascença. Associa-se ao clube Dinah Duarte, famosa cabeleireira junto às mulheres negras, conhecida na cidade por fabricar um produto específico para alisamento de cabelos crespos. Uma das idéias trazidas por ela foi a de organizar desfiles de beleza com as filhas dos sócios. Embora nas festas domésticas do clube estes desfiles já fossem habituais, Dinah inova ao transformá-los num acontecimento público de grande monta. Ousando ainda mais, Dinah sugere a inclusão de uma representante do Renascença no desfile oficial de Miss Distrito Federal<sup>2</sup>.

A inclusão das moças do Renascença nos grandes concursos de beleza era uma tentativa de visibilização da beleza da mulher negra carioca, até então considerada

---

<sup>2</sup> Vale lembra que o Rio de Janeiro era a capital do país, á época.

inexistente. O que dá ao ritual dos concursos no clube - ritual no sentido colocado por DaMatta (1979) - um aspecto ainda mais marcante que nas demais agremiações. Era a racialização adquirida por este diante da sociedade fluminense.

Podemos observar nas revistas da época, através da fala de seus articulistas, a surpresa pela presença de uma representante, insistentemente chamada de mulata. Conceitos como democracia racial, miscigenação e a ausência de conflitos raciais subjazem as diversas matérias. Cohen (1996 : 2) assevera que “*é nos concursos de beleza que as identidades podem e são freqüentemente tornadas públicas e visíveis*”. Assim sendo, os concursos de *misses* mais do que falar de beleza, falam de aspectos diversos da sociedade (COHEN,1996)

Note-se que estamos abordando um período anterior ao movimento do *Black is Beautiful* nos EUA, responsável por introduzir, em esfera mundial, um conceito de beleza negra voltada para as raízes africanas da população e que, só a partir da década de setenta, começou a ter maior influência no Brasil. A resposta de “beleza própria” encontrada, nos anos sessenta, residia em ter os cabelos ‘feitos’ no salão da Dinah e usar uma roupa do *atelier* da Madame Isabel. Ambas, Dinah Duarte e Madame Isabel Garcia, uma na cabeça e outra na alta costura, davam a última palavra em moda para as mulheres daqueles negros emergentes..

O ano de 1959, marca o início da presença negra nos desfiles oficiais para a escolha da mais bela representante do Distrito Federal, indicada pelo Renascença. A primeira representante a subir na passarela do concurso e mostrar o contraste da raça negra, em presença de outras desfilantes, foi Dirce Machado. Em 1960, Iara dos Santos se tornou a primeira Rainha Renascença a desfilar no Maracanãzinho, no concurso Miss Guanabara, noticiada como trajando um vestido todo bordado em ouro e prata.

A sua participação no concurso fez voltarem-se os olhos da imprensa e da sociedade Carioca para o Renascença Clube. Este passa a ser notícia nos jornais e revistas da época. Personalidades do mundo político e artístico freqüentam o Renascença. Das diversas fases do clube, este foi o momento de seu ápice em termos de divulgação e freqüência.

Em 62, Carmen foi a representante do clube e, em 63, Aizita Nascimento ficou em sexto lugar apesar da solicitação do público para que fosse a vencedora. A imprensa da época está recheada de citações a respeito das moças do Renascença, realçando o aspecto racial que as distinguia das demais. O estranhamento e surpresa iniciais, causados pelo desfile de uma não branca num concurso de beleza foi se dissipando com o passar dos anos até que em 64,

Vera Lúcia Couto, a quinta Rainha Renascença a disputar o Miss Guanabara, já era apresentada pela imprensa local como a grande favorita ao título de beleza máxima do Estado, semanas antes do concurso. Mesmo assim, diferentes setores da população não aceitaram a sua vitória.

O concurso Miss Brasil elegia três moças: a primeira representava o país no concurso Miss Universo em Miami; a segunda ia disputar Miss Mundo em Londres e a terceira viajava para Long Beach, nos EUA, para o Miss Beleza Internacional. Vera Lúcia Couto foi eleita Miss Guanabara e depois Miss Brasil III, foi a grande sensação, em Long Beach. Pela primeira vez, uma não-branca era incluída entre as quinze semifinalistas<sup>3</sup>. Classificada em terceiro lugar e tendo sido eleita Miss Fotogenia, a população do Rio de Janeiro a ovacionou desde o aeroporto do Galeão até o Méier. Naquele ano, as outras duas representantes brasileiras, Miss Brasil I e II, regressaram sem nenhuma premiação, o que transformou Vera Lúcia em heroína nacional.

Atraídas pelo sucesso alcançado por Vera Lúcia Couto muitas jovens negras vêm no Renascença a chance de um “lugar ao sol” nas carreiras de modelos, atrizes ou dançarinas. A chegada da fama e o reconhecimento da mídia trouxeram em seu bojo, o conflito para o interior do clube. As famílias sentiam ameaçadas as suas filhas por estarem sendo confundidas com moças à procura do estrelato e da carreira artística. À medida em que o clube crescia na mídia, antigos sócios e muitos dos fundadores se afastavam acreditando que o mesmo houvesse se distanciado do seu projeto inicial.

Os desfiles de beleza foram na verdade uma influência chegada ao clube, vinda através dos meios de comunicação, uma vez que estes eram grande moda na década de 60. As edições mensais da revista Manchete, do ano de 1962, registram os seguintes concursos de beleza: Miss Universo, Miss Mundo, Miss Brasil, Miss Guanabara, Miss Aeromoça, Miss Primavera do Estado da Guanabara, Miss São Paulo e Miss Verão, entre outros.

Logo se vê que este deveria ser um sonho acalentado por muitas adolescentes em toda a cidade do Rio de Janeiro, até então, Estado da Guanabara. As representantes dos subúrbios cariocas competiam com iguais oportunidades no desfile Miss Guanabara. Tudo começava com o ingresso num clube de bairro, a candidatura ao seu concurso de rainha e, uma vez saindo vencedora, ser representante deste no desfile estadual. Tradicionalmente as mulheres, que não fossem loiras ou morenas, não tinham oportunidades de serem incluídas, por duas razões mais imediatas: a primeira se refere ao fato de que o imaginário do belo e o ideal de beleza, no país, estavam identificados com um padrão ariano. Uma sociedade que via

---

<sup>3</sup> REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, Diários Associados, ANO XXXVI, n.º 48, pág 2, 05 set./1964.

os negros como tipos inferiores e aos mulatos como tipos em via de aperfeiçoamento, logo transitórios, não poderia identificar-se com qualquer beleza que não aquela representativa do tipo ideal, ser branca, preferencialmente loira.

A segunda razão consistia no fato de que, como às negras não era permitido o acesso aos quadros de sócias dos diferentes clubes, estava criada a barreira que as impediria de sonhar com o brilho das luzes e flashes dos fotógrafos. Às negras, portanto, era vedado o direito de sonhar. Estes concursos foram responsáveis por projetar, no cenário da fama, moças das mais recônditas regiões do país.

Neste sentido, a presença da Miss Renascença na passarela, transcendia a figura dela em si. O corpo negro, que desfilava, levava consigo a momentânea redenção das mulheres negras que, de modo estereotipado, são relacionadas ao trabalho doméstico. Eram candidatas a rainhas. Saíam do fundo dos quintais mentais e eram colocadas diante da sociedade discriminadora. Passavam para a sala de visitas dos holofotes e primeiras páginas dos grandes jornais e revistas. O ritual dos desfiles permite, então, que haja a “*inversão*”: “As posições sociais ocupadas no cotidiano são neutralizadas ou invertidas”. (DaMatta, 1979: 47).

Embora estes alargamentos de espaço e visibilização da mulher negra na mídia nacional e internacional tenham se efetuado, a presença não-branca das misses nos desfiles era “responsabilidade” apenas do Renascença. No ano seguinte à eleição de Vera, o clube não voltou a participar do concurso, o que decretou o fim da participação de moças negras nos desfiles estaduais ou nacionais, já que nenhum outro clube jamais apresentou uma rainha que não fosse loira ou morena.

Vera Lúcia Couto representante da raça negra, que teria chegado ao ápice da carreira de Miss, não teve sua presença registrada em nenhum exemplar das grandes revistas em toda a década de sessenta, como modelo fotográfico, ao contrário de muitas outras misses que lograram receber título semelhante.

Ao ser perguntada sobre esse fato, Vera coloca na ausência de uma linha de produtos, específicos para mulher negra, a razão para a sua invisibilidade no ano da vitória e nos subseqüentes. Ao fazê-lo ela deixa de realçar o fato de que as demais misses faziam propaganda para produtos diversos que não apenas os de beleza. Assim, a análise de Vera ao se referir ao tratamento diferenciado recebido por ela, remete à indústria de cosméticos a razão de sua ausência. Neste sentido fica alijada a possibilidade de existência de discriminação racial ou qualquer outro fator alienante.

**Pensamentos conclusivos:**

O Renascença, nos seus mais de cinquenta anos, foi alvo de críticas e teve que conviver com variados momentos de conflito interno que poderiam ter sido ocasionados não apenas por disputas de poder, como também por formas ímpares de identificação com o clube. Simultaneamente, ao adquirir ou cultivar uma identidade cultural negra, os do Renascença se conflitavam com a sociedade em torno, mesmo não tendo sido esse o seu objetivo inicial.

Ao se estabelecerem como um clube e, ao se organizarem em torno da construção de uma identidade negra, os cidadãos negros do Renascença estavam, na verdade, fazendo “*revolução dentro da ordem*”, como diz Florestan Fernandes (1965). Não caberia, neste sentido, a análise de serem alienados e aderentes ao mundo do branco, já que é a insatisfação diante deste que os move no sentido de se estabelecerem enquanto um clube.

Paralelamente, o ritual dos concursos de misses tão em voga até a década de sessenta, serve também, para pensar a sociedade brasileira nas suas atitudes raciais. A universalidade dos concursos de beleza, já que são realizados em grande parte do mundo ocidental, quando contrastados com as especificidades locais, podem se transformar, no caso brasileiro, num grande instrumento para entender as identidades raciais da nossa sociedade (COHEN, 1996). A eleição da rainha da beleza, *The Beauty Queen*, permite que este ritual transforme o mito da democracia racial em verdade *incontest*, que deixa de ser mito e se transforma em realidade. Vera foi eleita depois de ter passado “igual” e “democraticamente” pelos mesmos processos rituais aos quais todas as moças de diversos gradientes de cor, exceto negras, foram submetidas, logo, poder-se-ia concluir que não havia discriminação alguma.

Vera se transforma, então, em bandeira viva de mestiçagem, produto nacional e, acima de tudo, da Democracia Racial. Assim, um clube, que justificou sua existência exatamente devido à discriminação racial sofrida por seus fundadores, tem uma representante sua, treze anos depois, transformando-se em arauto da Democracia Racial, sem que tivesse havido durante este tempo, apesar de afirmações da mídia em contrário, um arrefecimento da discriminação contra os negros no país (Costa Pinto, 1953).

**Bibliografia:**

- BARTH, Frederick . “*Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*”. Illinois : Waveland Press, Inc. , 1998.
- BARBOSA, Irene Maria Ferreira. Socialização e relações raciais: um estudo de famílias negras em Campinas. São Paulo : FFLCH/USP, 1983
- COHEN, Colleen Ballerino (Organizer). *Beauty Queens on the Global Stage*. New York: Routledge, 1996
- DA MATTA, Roberto A. *Carnavais Malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vértice – Editora, 1990
- HANCHARD, Michael George. *Orpheus and Power. The Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, Brasil 1945-1988*. Princeton, New Jersey: Princetown University Press, 1988
- NASCIMENTO, Abdias de. O Negro Revoltado. 2. ed., Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982
- REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, Ano XXXVI, n.º 47, 29 de ago./1964.
- REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, Ano XXXVI, n.º 48, 05 de set./1964
- REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro, Ano XXXVI, n.º 43, 01 de ago./1964.
- REVISTA MANCHETE,. Rio der janeiro, Ano 11, n.º 597, 17 de jul./1963
- REVISTA MANCHETE. Rio de Janeiro, Ano 13, n.º 690, 10 de jul./1965
- WINANT, Howard. *Racial Conditions : politic, theory, comparisions*. University of Minessota Press. MN, 1994.